



A rendição da Alemanha em Reims

L. P. Macedo Carvalho*

O fim da guerra na Europa foi assinado a 7 de maio de 1945, às 02.41h, em Reims, e, às 00.15h de 9 do mesmo ano, em Berlim. O artigo conta, em detalhes, como se deu a rendição alemã e o porquê de o dia 8 de maio ter sido consagrado como o *Dia da Vitória* na II Guerra Mundial.

ANTECEDENTES

O início do fim da Segunda Guerra Mundial começa a 6 de junho de 1944 com o desembarque aliado nas praias da Normandia. Todavia, a batalha da França duraria ainda três meses após o Dia D, estendendo a Frente Ocidental do porto de Ostende, na Bélgica, até a fronteira da Suíça.

Depois da libertação de Paris, com a rendição do General Choltitz, na gare de Montparnasse, ao General Leclerc (25 de agosto de 1944), o avanço das forças aliadas foi rápido. Em outubro, a primeira cidade alemã Aachen era conquistada pelo I Exército norte-americano de Hod-

ges e, no mês seguinte, dava-se a tomada de Metz e Nancy pelo III Exército dos Estados Unidos (Patton), transpondo o Moselle. Em dezembro, o VII Exército (EUA) de Patch atingia o Reno, enquanto o I Exército francês de Leclerc libertava Estrasburgo. Os ingleses achavam-se em Bruxelas e Antuérpia. Na Itália, os alemães viam-se encurralados diante dos Alpes pelo 15º Grupo de Exército do General Mark Clark.

No final de 1944, em pleno inverno, os aliados consolidavam as posições alcançadas e reorganizavam suas forças para desfechar o golpe final contra a Alemanha.

Mas tudo não estava terminado. Os alemães, surpre-

endendo os aliados com a contra-ofensiva das Ardenas, liderada por Rundstedt à frente de três exércitos a mais de trinta divisões (250.000 homens, 2.000 carros-de-combate e 3.000 aviões), em algumas semanas ameaçavam dividir as forças adversárias e cercar quatro exércitos na Bélgica e na Holanda. A resposta norte-americana foi imediata e violenta. Ao término de janeiro de 1945, a famosa *Batalha do Bolsão* estava concluída e as linhas aliadas restabelecidas, a elevado custo para ambos os contendores – os alemães perderam 90.000 homens e os norte-americanos cerca de 77.000 homens.

* Coronel de Artilharia e Estado-Maior. Presidente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB).

A 8 de março de 1945, o I Exército (EUA) se apossava da ponte de Remagen sobre o Reno, por não haverem tido tempo, os alemães, de destruí-la. A 22 desse mês, o III Exército (EUA) transpusera o aludido curso d'água em Oppenheim, em frente a Frankfurt. No dia seguinte, o II Exército britânico (Dempsey) e o IX Exército norte-americano (Simpson) se lançam, por sua vez, ao outro lado do Reno. Enfim, o I Exército francês, penetrando através da Alemanha, cruzava o rio no setor de Landau, a 31 de março, desdobrando-se em 15km de frente.

O fim se aproximava. O Exército alemão se desagregava, ficando reduzido a bolsões de resistência isolados, e os acontecimentos se precipitavam com incrível velocidade.

A 23 de abril de 1945, os *partigiani* controlavam as principais cidades italianas - Milão, Turim, Gênova e Veneza - e as tropas norte-americanas marchavam na direção do Passo de Brenner, onde se juntaram às demais forças aliadas e barraram a fuga dos alemães através dos Alpes, os brasileiros inclusive, fazendo ligação com os franceses em Susa. Fechava-

se o cerco ao inimigo no teatro de operações do Mediterrâneo, encerrando-se a luta na Itália com a rendição do Grupo de Exércitos C de von Vietinghoff, a 2 de maio de 1945.

A 25 de abril de 1945, próximo de Torgau, pequena cidade localizada sobre o Elba, 120km ao sul de Berlim, uma patrulha russa da 58ª Divisão de Guarda, comandada pelo Tenente Selvasko, estabelecia junção com o pelotão do Tenente Robertson, do 5º Corpo de Exército norte-americano. Esse fato documenta um dos mais emocionantes eventos da guerra que já durava quase seis anos. O encontro dos soldados de Tio Sam com elementos avançados do Exército soviético assinala a união das duas Frentes - a Ocidental e a Oriental. Trata-se de um quadro de atores diferentes no ato final de um mesmo drama. Abrem os braços, *se abraçam, em seguida trocam cigarros, vodca e uísque*. Concretizava-se a junção do 12º Grupo de Exércitos norte-americano de Bradley com a Frente de Konev, cujo encontro se dá a 5 de maio.

A partir daí, a Alemanha fica dividida em duas partes. A guerra, porém, não

acabara. Luta-se ainda ao norte e duros combates eram travados em Berlim.

Ao raiar do dia 2 de maio, em Berlim, onde, desde 23 de abril, desenrolava-se feroz luta, sobre milhares de cadáveres e as ruínas da cidade totalmente destruída, um caminhão alemão, com uma bandeira branca, aproveitando uma trégua para cruzar as linhas russas, dirigiu-se ao posto de comando de Tchouikov. O General Wesling, comandante da guarnição de Berlim, vinha propor a rendição incondicional da capital do Terceiro *Reich*.

Logo depois, as tropas do Exército Vermelho cessaram fogo e as suas baterias de artilharia silenciaram. Os últimos defensores alemães abandonaram os abrigos, porões, depósitos de carvão e as estações de metrô, abatidos e apavorados, formando longas colunas em direção aos subúrbios.

A 13 de maio, o VII Exército dos Estados Unidos fazia alto, em Innsbruck, Áustria, a fim de aguardar os russos. Ao sul, Patton informava que tinha condições de se apossar facilmente de Praga, Tchecoslováquia. O alto comando soviético, sabedor disso, protestou energicamente.

Para evitar problemas políticos com os russos, Eisenhower ordenou a Patton interromper seu avanço e deixar o Exército Vermelho ter a honra de entrar na capital tcheca.

O comandante supremo soviético emitiu o seguinte comunicado, em linguagem tipicamente militar:

As tropas da Primeira Frente da Bielo-Rússia, com a cooperação da Primeira Frente da Ucrânia, destruíram, após sucessivos combates, o grupo de forças alemães de Berlim, capital da Alemanha, centro do imperialismo germânico e foco de sua agressão.

MONTGOMERY INICIA AS NEGOCIAÇÕES

A 5 de maio de 1945, em acampamento montado ao norte da Alemanha, debaixo de persistente chuva, o Marechal Montgomery, comandante do 21º Grupo de Exércitos, recebia a rendição incondicional das forças alemães na Holanda, no nordeste da Alemanha, na Dinamarca e suas cercanias. Isso representava a deposição de armas por mais de um milhão de homens. *A maior rendição em massa de for-*

ças alemães, comentava com admiração um jornalista norte-americano, *depois do armistício de 1918.*

Monty tinha de que se envaidecer. A desforra era completa. Comandante de divisão da Força Expedicionária Britânica na França, em 1939-1940, vira-se derrotado na Bélgica e acabara vítima da desastrosa evacuação de Dunquerque.

Sua primeira revanche se dera em 1942, com a vitória de El Alamein, obtida contra Rommel nos desertos do Egito e que, no dizer de Churchill, mudou decisivamente o rumo da guerra. A segunda começou em junho de 1944, ao assumir o comando das forças terrestres aliadas no desembarque da Normandia e, em seguida, já à testa do 21º Grupo de Exércitos, a partir de Caen, quando libertou o norte da França e a Bélgica.

Voltou-se para o norte da Europa com determinação ferrenha, mostrando-se implacável com o inimigo e também com os aliados.

Suas conhecidas desavenças com os demais chefes militares, em particular com Eisenhower e Patton, alimentaram, durante anos, os comentaristas dos jornais e os historiadores militares.

Por exemplo: enquanto Patton queria investir na direção do Reno e conquistar Berlim, Montgomery julgava ser mais eficaz uma ofensiva pelo norte da Alemanha. Defendia tanto esse ponto de vista que Eisenhower decidiu atacar sobre *uma ampla frente* e repartir igualmente os meios entre Montgomery e Patton. Na verdade, *Monty* conseguiu obter algo mais de *Ike*: prioridade de apoio para uma operação aeroterrestre sobre Arnhen, com a finalidade de dividir a Holanda em duas partes (o que, diga-se de passagem, redundou em tremendo desastre).

Todavia, *Monty* não se deu por vencido, buscando destruir o inimigo com a mesma tranquilidade e tenacidade. Em fins de abril de 1945, atravessou o Elba, apossou-se de Lübeck e de Kiel, cercando os alemães na Dinamarca. Na corrida rumo ao Báltico, os ingleses venceram os russos com 24 horas de vantagem.

A derradeira satisfação para Montgomery, entretanto, foi ter estabelecido os primeiros contatos com o inimigo, que levariam, poucos dias depois, à capitulação alemã firmada em Reims.

A 3 de maio, em uma viatura arvorando uma bandeira branca, quatro oficiais alemães se apresentaram aos ingleses. Entre eles se achava o Almirante Von Friedeburg, Comandante-em-Chefe da Marinha alemã.

Estão prontos, perguntou-lhes Montgomery, a renderem as forças alemães que combatem no meu flanco norte e oeste, entre a Holanda e Lübeck, bem como as estacionadas na Dinamarca?

Não, responderam-lhe os alemães. Nós desejamos acertar com o senhor uma forma que permita à população civil escapar a um massacre.

Dentre as soluções propostas, constava um cronograma que se estendia por várias semanas, ao fim das quais as tropas britânicas avançariam lentamente, enquanto as alemães operariam uma retirada paralela.

Montgomery retrucou:

Eu me pergunto, senhores, se estão bem a par da sua situação na Frente Ocidental. Sacou sua carta de operações e a exibiu aos alemães, que ficaram estarecidos diante do progresso dos aliados tanto na Frente Ocidental quanto dos russos na Frente Oriental.

Convidaram os alemães para o café da manhã e o frio Almirante Friedeburg caiu em lágrimas, chorando durante toda a refeição.

Após o desjejum, Montgomery recebeu novamente os alemães e, secamente, transmitiu-lhes suas condições, um autêntico ultimato.

Precisam compreender três coisas. Devem render incondicionalmente todas as tropas na Holanda, Frísia, Heliogolândia, Schlewig-Holstein e Dinamarca. Quando o fizerem, estarei pronto a discutir com os senhores os termos da rendição... e eis o terceiro ponto: se não aceitarem a rendição, prosseguirei a guerra e serei impiedoso.

E acrescentou mais ainda:

Todos os seus soldados e civis poderão ser mortos.

Os alemães se declararam não-credenciados a aceitar esses termos. Dois deles permaneceram imóveis, enquanto dois outros, Friedeburg e o Major Frieder, retornaram a suas linhas para dar conhecimento aos seus superiores do resultado das conversações.

Na sexta-feira, 4 de maio, os plenipotenciários alemães voltaram ao quartel-general de Montgomery, desta vez

prontos a aceitar as condições de rendição impostas, sem restrições.

A cerimônia de rendição durou apenas cinco minutos. O General Montgomery, em impecável uniforme, adentrou o quartel-general, onde já o aguardavam os alemães. Na sua passagem, sorriu aos correspondentes de guerra e lhes disse com o canto da boca:

É o momento!

Trazia, na mão direita, os papéis a serem assinados.

Ao entrar na barraca, os alemães tomaram a posição de sentido. Monty sentou-se e convidou seus hóspedes a fazerem o mesmo.

Vou ler-lhes os termos da capitulação.

Solenemente, com qualquer coisa de triunfal na voz, notou uma testemunha, o marechal procedeu à leitura do ato. Quando terminou, os alemães assinaram o documento em silêncio.

E agora, aduziu Montgomery, vou assinar em nome do General Eisenhower, Comandante Supremo das Forças Aliadas.

Em seguida, os alemães mencionaram a Montgomery que gostariam, também, de incluir, na rendição, três outros exércitos que combatiam os russos.

Não, declarou-lhes sem hesitação o marechal inglês. *Esses exércitos combatem nossos aliados russos. Se desejam render-se a alguém é a eles que devem fazê-lo. Nada tenho a ver com isso. É problema dos russos, por se passar na Frente Oriental. Rendam-se ao comandante soviético. A discussão está encerrada.*

O Almirante Von Friedeburg, aparentemente impassível diante de Montgomery, firme e despachadamente, insistiu:

Nós desejamos, agora, discutir a rendição da totalidade das forças alemãs.

A notícia causou espanto. Eisenhower, que se encontrava em seu quartel-general instalado em Reims, foi imediatamente informado. Respondeu a Montgomery o seguinte:

Que enviem os representantes alemães a Reims!

Monty executou a ordem sem perda de tempo.

PROPOSTA DE PAZ EM SEPARADO

Seguiram, para Reims, o Almirante Hans Georg von Friedeburg e o Coronel Poleck.

Von Friedeburg, um homem de 50 anos, robusto e

um tanto calvo, tivera uma carreira brilhante na Marinha. Em 1943, substituíra Doenitz no comando da frota de submarinos e, dois anos mais tarde, no comando supremo da Marinha alemã. Razão por que fora enviado ao General Eisenhower para conhecer os termos de capitulação da *Wehrmacht*, em nome do novo chefe do moribundo *Terceiro Reich* - Almirante Karl Doenitz.

Seu companheiro Poleck, membro do *Oberkommando*, era um homem alto, seco, impenetrável, acabrunhado e pouco simpático. Responsável pelo Serviço de Intendência, tinha por encargo cuidar dos suprimentos.

A viagem a Reims dos dois oficiais alemães foi bastante complicada.

Partiram da pequena cidade de Inneburg, via aérea, às 8h00min do sábado, 5 de maio. Trocaram de avião às 10h00min em Vorst mas, por causa das más condições atmosféricas, a aeronave pousou em Bruxelas às 11h15min. Faziam-se acompanhar por dois oficiais ingleses, o Tenente-Coronel Bury e o Major F. J. Lawrence, que decidiram, então, prosseguir a viagem por rodovia. Partiram de Bruxelas às 13h10min em viatura

dirigida por uma jovem escocesa. O Almirante Friedeburg, em perfeito inglês, desculpou-se por não dormir quase há dez dias e, alegando ter necessidade de se recuperar um pouco, adormeceu. O Coronel Poleck, calado permaneceu durante toda a viagem, apreciando a paisagem de viaturas alemãs abandonadas pelo caminho, o que não contribuiu para levantar o seu moral.

Às 17h00min do mesmo dia, sábado 5 de maio, chegaram ao quartel-general do SHAEF (*Supreme Headquarters Allied Expeditionary Forces*), em Reims. Os militares trocaram continência, sendo notado que os alemães não mais o faziam de braço estendido, à maneira nazista.

O almirante, cantarolando, mostrava-se descontraído enquanto seu companheiro, ao contrário, parecia nervoso. Logo depois, tiveram início as conversações.

Em nenhum momento, embora se encontrasse em seu quartel-general, Eisenhower participou diretamente das negociações, nem mesmo do ato formal de assinatura da capitulação de Reims. Incumbiu seu chefe de estado-maior, o General Be-

dell Smith, de conduzir as conversações.

Esta cerimônia o repugnava, salientou um de seus conselheiros, Robert Murphy posteriormente, em suas memórias. Julgava-se um combatente e não se mostrava interessado no que se passava em Ialta.

Às 17h20min, vinte minutos após a chegada ao quartel-general avançado de Reims, instalado, desde fevereiro de 1945, na Escola Técnica de fachada em tijolos vermelhos, os dois oficiais alemães foram levados ao gabinete de Bedell Smith, pelo Major-General Strong, chefe da 2ª Seção do estado-maior. O encontro durou vinte minutos. O General Bedell Smith solicitou ao Almirante Von Friedeburg a apresentação das credenciais de representante do Almirante Doenitz, sucessor de Hitler após o suicídio dele.

O alemão gesticulou derrotado. Nada tinha a apresentar nem possuía poderes de negociar a rendição dos exércitos de seu país.

Bedell Smith chegou a enervar-se momentaneamente, mas controlou-se e expôs aos alemães a decisão do comandante supremo:

Exigimos a rendição incondicional com a obriga-

ção de todas as tropas permanecerem em suas atuais posições, não se permitindo qualquer engajamento das aeronaves, nem aos navios de guerra se afastarem de onde se encontrarem. Estou certo de que o comando da Wehrmacht tratará de transmitir e executar todas as ordens dadas pelos comandos aliados

E acrescentou ainda:

Os senhores devem se dar conta de que a situação da Alemanha é desesperadora, no momento...

O almirante, com um sinal de cabeça, aquiesceu, dizendo, em seguida:

Sim, esperamos sobretudo que inúmeros soldados alemães não sejam mortos pelos russos...

Com um sorriso furtivo, fez uma ressalva:

A menos que se lhes permita renderem-se diretamente às forças aliadas da frente ocidental.

A proposta escapara. Os alemães sonhavam com a paz em separado no Ocidente.

Porém, Bedell Smith cortou secamente a palavra dos seus interlocutores:

Os aliados estão prontos a discutir, unicamente, a rendição dos alemães na Frente Ocidental, conjugada a uma rendição simultânea e

incondicional aos aliados russos.

Os alemães sabiam, muito bem, dos maus-tratos e sofrimentos que haviam imposto aos eslavos, ao longo daquela cruel guerra. Preferiam se entregar aos norte-americanos porque temiam as represálias dos russos, poloneses, iugoslavos e tchecos.

Levados a uma sala contígua, foi apresentada aos alemães a minuta do ato de rendição incondicional. Ao lado, na sala de operações, reinava intensa atividade. Os oficiais aliados, aguardando a decisão final iminente, acompanhavam as notícias. Entre eles se achavam dois representantes do Exército soviético - o Major-General de Artilharia Ivan Sousloparov e o Coronel Ivan Zenkovitch.

Bedell Smith chamou-os à parte e colocou-os a par de todos os pormenores das primeiras negociações com os alemães, mostrando, a seguir, o texto da mensagem enviada por Eisenhower a Washington, Moscou e Londres:

O Almirante Friedeburg tem apenas autoridade de oferecer rendição dos remanescentes do Exército alemão na Frente Ocidental. A discussão da proposta limi-

tada de paz foi recusada. Estando disposto, o almirante, a discutir a rendição total - se credenciado - foi instado a solicitar autorização do Governo alemão

Os russos ficaram satisfeitos.

Von Friedeburg chamou o General Strong e confiou-lhe uma mensagem endereçada a seu chefe - Almirante Doenitz:

Conceda-me plenos poderes para negociar uma rendição total, ou envie alguém munido dos poderes necessários para o fazer.

A mensagem foi imediatamente codificada e transmitida ao XI Exército britânico para ser enviada à frente por estafeta.

Às 15h00min do domingo, 6 de maio, depois de um fim-de-semana angustiante, veio a resposta; o General Jodl, Chefe do Estado-Maior do Exército alemão (substituto de Guderian), deslocou-se para Reims, acompanhado de seu assistente, Coronel Wilhelm Oxenius.

SETE DE MAIO DE 1945, EM REIMS

O General Jodl e o Coronel Oxenius desembarcaram, do C-47 norte-americano

Mary Lou II, no aeroporto de Reims, às 17h08min do domingo, 6 de maio de 1945.

Apenas dois oficiais norte-americanos e alguns PE os aguardavam.

A caminho do quartel-general de Eisenhower, cruzaram com dois cortejos de prisioneiros alemães. Jodl, naturalmente, fez cara feia.

Às 17h30min, davam entrada no quartel-general, onde os acontecimentos se precipitavam. O Almirante Vo Friedeburg, ao se encontrar com Jodl, não o cumprimentou mas simplesmente exclamou:

Eis, enfim, tu!

Porém, seu superior não estava de bom humor, ignorando-o. Em seguida, Friedeburg pediu uma carta da Europa e café, dando a impressão de ser favorável à rendição imediata e já haver convencido seu chefe. Este teria dito qualquer coisa assim:

Sim, vamos assinar... De qualquer modo, estamos perdidos...

Às 18h15min, teve início a conversa com Bedell Smith, que levou meia hora, e cujos pormenores são desconhecidos.

Às 18h45min, Bedell Smith prestou conta das negociações com os alemães a Eisenhower e, pouco depois, aos russos.

Tudo estava acabado. O General Jodl teria formulado algumas condições de última hora. Uma mensagem foi enviada ao Governo alemão e passou-se a aguardar resposta. Os participantes da reunião foram dispensados e alertados para ficarem em condições, quando convocados, de retornar imediatamente.

Os habitantes de Reims dormiam e não notaram o desfile de viaturas em frente à porta da Escola Técnica, na rua que recebeu o nome de Franklin Roosevelt, por volta de duas horas da manhã, trazendo oficiais aliados.

Decidira-se realizar a cerimônia que poria fim à guerra na *sala de operações* - War Room - hoje transformada em museu. Ficava em dependência no primeiro andar da antiga Escola Técnica (atual Liceu Roosevelt), e permaneceu tal qual se encontrava a 7 de maio de 1945, com mapas e cartas de operações fixados às paredes, onde se atualizavam, diariamente, os movimentos de tropas e suprimentos, representados por alfinetes de cabeça colorida, fitas e símbolos, dados estatísticos, gráficos, quadros diversos, inclusive das perdas aliadas sofridas no total de 600.000 homens, sendo 130.000 mortos.

Em preparação para a cerimônia de assinatura da rendição, foi colocada uma grande mesa de reunião dos professores do Liceu, com 13 cadeiras ao redor e alguns cinzeiros. Dois tapetes foram estendidos poucos minutos antes do ato, para decorar o ambiente. Os tapetes e os cinzeiros foram levados como *souvenirs*, mas a mesa e as cadeiras continuam intactas, no mesmo lugar. A 7 de julho de 1945, a sala foi oficialmente entregue à Prefeitura de Reims pelas autoridades militares norte-americanas.

Entrando-se na sala, é vista, à direita, uma carta mostrando as instalações logísticas e os oleodutos. Ao lado da janela, acha-se o mapa da rede ferroviária com informações pormenorizadas a respeito dos estoques e toneladas transportados. Um termômetro montado sobre uma suástica indica o número de prisioneiros alemães feitos - 4.035.051 homens. Dois quadros estatísticos revelam material descarregado nos portos da Mancha, a quantidade de prisioneiros de guerra capturados por Exército aliado, o volume de suprimento e pessoal desembarcados e as perdas humanas aliadas. No canto esquerdo dessa parede, vêem-se três cartas de navega-

ção com tabelas de tonelagem de navios e indicações das áreas minadas. Na parede oposta, encontra-se um enorme mapa em duas folhas, no qual estão marcados, por fitas de diversas cores, os avanços aliados em todas as frentes do teatro de operações europeu. Junto à porta, as paredes encontram-se cobertas por mapas de operações aéreas, com a localização dos aeródromos, estimativa de baixas e de pessoal disponível, relativos a 5 de maio, e as previsões do tempo para o dia seguinte. Finalmente, cartas de operações em curso no Pacífico estão dispostas em torno da porta. O gabinete de Eisenhower fora instalado na dependência ao lado.

Às 2h34min da madrugada, o General Bedell Smith entrou na sala. Rapidamente, contornou a mesa, verificou o dispositivo, certificou-se da presença de todos, e convidou os aliados a ocuparem seus lugares.

Bedell Smith sentou-se no lugar que deveria ser ocupado por Eisenhower, de quem era chefe de estado-maior. À sua direita, achavam-se o Almirante Sir H. M. Burrough, da *Royal Navy*, o General François Sevez, representante do General Juin, chefe de estado-maior do General de

Gaulle, e o Tenente-General Sir F. E. Morgan, inglês. À sua esquerda, um lugar ficou desocupado o tempo todo - o destinado ao Major-General K. Strong, do Exército britânico que, por ser portador dos documentos que deviam ser assinados pelos alemães e pelos aliados, permaneceria atrás da delegação inimiga, como intérprete. A seguir, vinham o General Ivan Sousloparov, do Exército soviético, e dois aviadores - o General C. Spaatz, da Força Aérea dos EUA, e o Marechal-do-Ar Sir J. M. Robb, da RAF.

As cabeceiras da mesa haviam sido reservadas para o Major-General H. R. Bull, norte-americano, e para o Coronel Zenkovitch, russo. Mas este último veio a sentar-se atrás da cadeira vazia do General Strong, a fim de ficar mais próximo do seu chefe, General Sousloparov. Havia, também, os oficiais que trabalhavam no quartel-general do SHAEF e 17 correspondentes de guerra.

O outro lado da mesa, entende-se, fora reservado à delegação alemã que, às 2h39min, deu entrada no *War Room*. Impressionada com o silêncio glacial dos dez oficiais sentados à mesa, avançou em passo um tanto solene. Permanecendo em posi-

ção de sentido por um instante, a um gesto do General Bedell Smith ocupou os seus lugares. O General Jodl tinha, à sua direita, o Coronel Oxenius e, à esquerda, o Almirante von Friedeburg.

São 13 pessoas à mesa.

O General Bedell Smith pôs a mão sobre os documentos que o General Strong acabara de colocar diante dele e declarou:

Eis os documentos da rendição. Pergunto aos senhores se estão oficialmente prontos a assiná-los.

O primeiro artigo do ato está assim redigido:

Nós, abaixo assinado agindo em nome do Alto Comando alemão, capitulamos pelo presente, incondicionalmente, ao Comandante Supremo das Forças Expedicionárias Aliadas e, simultaneamente, ao Alto Comando soviético, com todas as forças terrestres, navais e aéreas que se encontram neste dia sob comando alemão.

Os artigos seguintes detalham as minúcias desse ato. *O Alto Comando se compromete a ordenar a todas as forças subordinadas cessar a participação em todas as operações ativas no dia 8 de maio de 1945, às 23h01min (hora da Europa Central), e permanecer nas*

posições ocupadas nesse momento.

No caso do Alto Comando alemão ou determinadas forças sob seu controle deixarem de proceder conforme este ato de rendição, especifica ainda o texto, o Comandante das Forças Expedicionárias Aliadas e o Alto Comando soviético tomarão todas as medidas punitivas ou outras que julgarem apropriadas.

O artigo 4º do documento, bastante ambíguo, declara:

Este ato de rendição não invalida qualquer instrumento geral de rendição imposto pelas nações unidas e aplicado à Alemanha e às Forças Armadas alemães no seu conjunto, e que venham a substituir este documento.

O General Jodl, hirto na cadeira, satisfez-se em concordar com um sinal de cabeça, respondendo à pergunta que lhe fizera Bedell Smith. Passou, então, ao ato de assinatura da rendição após lançar breve olhada. Os documentos circularam pela mesa e receberam a assinatura de todos os oficiais aliados presentes.

A assinatura da documentação durou, precisamente, sete minutos - das 2h34min às 2h41min - de 7 de maio de

1945, sem os participantes trocarem qualquer palavra.

Jodl levantou-se logo depois, tomou a posição de sentido, e falou:

Quero dizer umas palavras.

O General Bedell Smith autorizou-o balançando a cabeça e o alemão disse:

General, por esta assinatura, o povo alemão e as Forças Armadas alemãs estão entregues nas mãos dos vencedores, para o melhor e para o pior. Nesta guerra, que durou mais de cinco anos, o povo e os exércitos alemães realizaram e sofreram mais, talvez, que outro qualquer no mundo. Nesta hora posso somente manifestar a esperança de que o vencedor os tratará com generosidade.

Ninguém retrucou.

Um quarto de hora mais tarde, os três alemães foram levados ao gabinete do General Eisenhower, que os viu pela primeira vez. A entrevista não levou mais de dois minutos. O Comandante Supremo aliado perguntou aos plenipotenciários alemães se estavam cômicos do significado do ato acabado de assinar e de que os termos da capitulação deveriam ser respeitados. O General Jodl respondeu afirmativamente.

Estava encerrada a capitulação da Alemanha em Reims. A alegria dominava o quartel-general. Ike confraternizava com os oficiais de seu estado-maior, com os demais oficiais aliados e com os russos, apertando suas mãos. Calmo e sorridente, pousou longamente para os fotógrafos. Com as duas canetas que serviram para a assinatura daquele histórico ato, fez o V da vitória.

Uma mensagem lacônica do quartel-general avançado do SHAEF, assinada por Dwight D. Eisenhower, data de 7 de maio de 1945, de número FWD-2798, comunicava aos comandos subordinados o término da Segunda Guerra Mundial na Europa nos seguintes termos:

A missão destas forças aliadas foi cumprida às 2h41min, hora local, em 7 de maio de 1945.

Às 3h39min da madrugada, diante dos militares que se comprimiam no *War Room*, Eisenhower proferiu o discurso da vitória:

As forças aliadas que invadiram a Europa no dia 6 de junho de 1944, junto com seus valentes aliados russos e os exércitos vindos do Sul, derrotaram completamente a Alemanha, em terra, no mar e no ar. No princípio, a mai-

or parte das forças que entraram em linha provinha da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos. Elementos de todos os países oprimidos pelo inimigo na Europa participaram da luta.

Penso que é particularmente simbólico ter a rendição sido assinada no coração da França, esse país que tanto sofreu, esse país onde desembarcamos em junho último e cujas forças armadas e movimentos de resistência tanto apoiamos.

Esta rendição incondicional foi obtida graças não somente a todos os aliados participantes mas, igualmente, às diferentes forças terrestres, navais e aéreas.

Minha gratidão, talvez não suficiente, vai para cada um dos cinco milhões de homens que tomaram parte na luta. O profundo reconhecimento e a eterna gratidão lhes são devidos por todos os cidadãos livres das Nações Unidas.

NOVE DE MAIO DE 1945, EM BERLIM

Após a capitulação de Reims, os russos exigiram que a mesma fosse ratificada em Berlim, na noite de 8 de maio de 1945, pois desejavam que

o documento final pondo término à guerra, para ser reconhecido oficialmente, fosse firmado na capital da Alemanha ocupada pelas tropas russas. A rendição das forças alemãs também já tinha sido firmada na Itália por Von Vietinghoff, a 2 de maio, e a dos exércitos inimigos do norte da Alemanha, próximo a Luneburg.

Durante anos, tem intrigado aos historiadores por que foram os alemães obrigados a assinar a capitulação duas vezes. Todas as potências envolvidas na guerra contra Hitler achavam-se representadas em Reims em 7 de maio 1945. O ato de rendição era, pois, válido. Contudo, uma segunda cerimônia de assinatura da capitulação alemã teve lugar em Berlim, a 9 de maio de 1945.

Um comunicado muito sucinto explicava que este segundo ato tinha uma dupla finalidade: 1) consagrar solenemente, de pleno acordo com o Grande Estado-Maior soviético, a rendição das forças alemãs; e 2) regular, por solicitação do estado-maior russo, o texto original do ato de capitulação firmado pelo General Jodl em Reims.

Passados os anos, compreende-se o sentido do parágrafo segundo.

Depois de meses de intenso debate, Washington, Moscou e Londres chegaram à redação final de um documento para a rendição alemã. Enfim, os *três grandes* aprovaram, em março de 1945, um texto que foi remetido, em envelope azul lacrado, ao Comandante-em-Chefe das Forças Aliadas, o qual o confiou ao General Bedell Smith. Quando, no começo de maio, Montgomery alertou ao quartel-general de Reims que os alemães estavam prestes a capitular, uma ata foi redigida pelo estado-maior de Bedell Smith, ignorando a existência do famoso envelope azul enfiado numa gaveta secreta que continha o texto definitivo e pormenorizado estabelecido pela Comissão Interaliada.

O envelope azul esquecido por Bedell Smith na precipitação dos últimos acontecimentos, segundo antigo conselheiro do Presidente Roosevelt e do General Eisenhower, Robert Murphy, vinte anos depois, teria sido a causa da exigência russa.

Sobrecarregado por milhares de preocupações, todas da mais alta importância, o General Bedell Smith teve um lapso de memó-

ria. Esqueceu que o Conselho Consultivo já havia redigido um texto para a capitulação.

Porém, outros historiadores consideram tal explicação pouco verossímil. Existem hipóteses diferentes. O documento estaria sendo revisado por iniciativa de Washington, em consequência da morte de Roosevelt e a ascensão de Truman à presidência. Ou, a pedido de Moscou, que dava sinais, na opinião de observadores, de alterar sua política com a proximidade da vitória, notadamente com referência à divisão da Alemanha.

Seria um dos motivos a recente aceitação da França como signatária? Quereriam os russos organizar uma cerimônia única de assinatura para descartar as prioridades anglo-americanas, ganhando tempo a fim de favorecer o avanço de suas tropas, enquanto Eisenhower tinha simplesmente pressa de terminar a guerra e impedir qualquer manobra do Almirante Doenitz? Todas essas hipóteses têm sido levantadas.

Uma outra causa de atrito entre os aliados foi a anúncio da rendição. Dezesete correspondentes de guerra em Paris haviam sido

convidados a assistir o evento de Reims. Fora-lhes solicitado não difundir a notícia antes das 15h00min de 8 de maio. Inúmeros telegramas foram trocados entre as capitais dos diversos países para que a proclamação oficial se desse ao mesmo tempo. Mas, como sói acontecer em casos como esses, verificou-se um *vazamento*. Um jornalista norte-americano presente à cerimônia de Reims desrespeitou o compromisso assumido e transmitiu a notícia à sua redação.

Pouco depois da assinatura da rendição, às 8h45min de 8 de maio, os alemães anunciavam o ocorrido pela Rádio Flensburg e a BBC captava a transmissão. A Rádio Hamburgo confirmou a notícia às 12h45min.

Stalin, então, exigiu que tivesse lugar uma segunda assinatura em Berlim. Ao tomar essa decisão pretendia, sobretudo, neutralizar a propaganda insidiosa que incitava o Exército vencido a capitular na Frente Ocidental e continuar a luta no Leste.

Na realidade, os soviéticos consideravam a rendição de Reims apenas como um ato preliminar.

O fim da guerra devia ser *oficializado*, pensavam eles,

em Berlim, a capital do Terceiro *Reich* conquistada pelos russos mediante duros combates. Consideravam-se eles responsáveis pelo pagamento do tributo mais pesado da guerra.

Uma segunda capitulação foi imposta aos alemães, na verdade, para aceitarem um texto que dizia a mesma coisa: rendição incondicional.

As vedetes seriam diferentes. A URSS far-se-ia representar pelo Marechal Zhukov, o homem que salvara Moscou e tomara Berlim. Como em Reims, o General Eisenhower recusar-se-ia a participar da cerimônia, mandando em seu lugar o Marechal Sir Arthur Tedder, da RAF. O General Spaatz, dos Estados Unidos, também lá estaria. A França teria por representante o General de Lattre de Tassigny, comandante do I Exército francês.

Berlim achava-se completamente devastada e a cerimônia desenrolar-se-ia em uma comuna dos arrabaldes - Karlshorst - onde o Marechal Zhukov estabelecera seu quartel-general, numa antiga escola de oficiais subalternos. As acomodações eram limitadas. Ao chegar de seu posto de comando no sul da Alemanha, o General

de Lattre foi conduzido a um alojamento de subalternos. As dependências ao lado da sua eram ocupadas por soldados russos.

Morríamos de fome, relembra o General de Lattre. Nossa primeira atitude foi interpelar um soldado russo e lhe explicar, com grande esforço de gestos, que desejávamos comer. Surpresa da linguagem improvisada: nosso homem sorriu, saiu e voltou, minutos depois, com um fonógrafo...

Ao cair da tarde, após ter se avistado com Zhukov, o General de Lattre, sem ter o que fazer, resolveu verificar o local no qual realizar-se-ia a cerimônia. Na enorme sala da escola, tudo estava preparado: uma grande mesa destinada aos chefes das delegações, duas outras para os assessores e uma, com três cadeiras, reservada aos alemães. Oficiais aliados entravam e saíam e os cinegrafistas instalavam seu equipamento no local.

O General de Lattre surpreendeu-se ao constatar que apenas três bandeiras ornamentavam a parede ao fundo da sala: a vermelha da União Soviética, a *Union Jack* da Grã-Bretanha e a *Star and Stripes* dos Estados Unidos.

E a França? Inquiriu ele. *Exijo que se faça presente por intermédio de seu pavilhão colocado em igualdade com o de seus aliados!*

De Lattre provocou um pequeno incidente diplomático (porque nem todos concordavam com a presença da França) e também um problema administrativo. Na Berlim em ruínas não existia sequer uma bandeira francesa. Os russos decidiram fabricar uma: um pedaço de sarja cortado de um macacão de mecânico proporcionou o azul, outro de lençol fez o branco. Quanto ao vermelho, não faltava aos soviéticos, mas preferiram utilizar uma tira de um antigo pavilhão hitlerista. Um jipe trouxe a bandeira confeccionada às pressas, mas se tratava do pavilhão holandês. Costuraram o azul, o branco e o vermelho na horizontal. Viram-se obrigados a improvisar outra bandeira.

A tarde toda foi dedicada a acertar os textos definitivos da capitulação. A luz de velas, os datilógrafos bateram documentos em russo, inglês e alemão.

Tive vontade de fazer valer também os direitos da língua francesa, confidenciou de Lattre. Todavia, sen-

tí que assim a guerra jamais terminaria...

A cerimônia começou, enfim, aos 00h06min. Já era 9 de maio de 1945. O General Zhukov saudou as delegações aliadas e mandou introduzir os alemães.

Aos 00h10min recorda de Lattre de Tassigny, em seu livro *História do I Exército Francês, Keitel avança e pisca sob o foco das luminárias. Aprumou-se em seu grande uniforme com paramentos vermelhos, em que reluziam suas duas cruzes de ferro. Marcha em passo ordinário, bate os calcanhares e saúda, arrogante, com seu bastão de marechal. Ninguém se levanta. Keitel olha à direita, primeiro, com o bastão sempre erguido, depois volta os olhos da esquerda para a direita, lentamente, até o momento em que sua vista se detém sobre o pavilhão tricolor. Prosseguindo seus olhares, identifica-me: 'Ach!' - resmungando ele - 'há também franceses! Eles não faltariam a isso'.*

A partir daí, tudo se passa rapidamente. Uma troca de perguntas e respostas. Os alemães aceitam as condições ditadas pelos aliados. Aos 00h15min, o Marechal Keitel ajusta seu monóculo e assina, imitado pelo General

Stumpf, o sucessor de Gœring, e o Almirante Friedeburg, já conhecido desde Reims que se suicidaria poucos dias mais tarde. Aos 0h45min, a cerimônia estava terminada. Keitel se ergue, saúda com o seu bastão e sai acompanhado de sua comitiva. Posteriormente, seria levado ao tribunal de Nuremberg e condenado à morte, como o seu colega Jodl.

Uma hora depois, na mesma sala da capitulação, a toalha verde foi substituída por uma branca alvíssima, coberta de cristais, de prataria, de garrafas de vinho do Cáucaso, de frascos de vodca e de *zakouski*. Uma orquestra acomodou-se no balcão - o Marechal Zhukov oferecia um grande banquete a seus aliados.

Ao longo do ágape, 27 brindes com vodca foram erguidos em honra dos chefes de Estado, dos generais aliados e das diferentes Armas. O Marechal Zhukov, pessoalmente, fez um brinde de todo especial, muito caloroso, à França *a seu espírito de resistência, personificado pelo General de Gaulle, e ao seu Exército que, malgrado a invasão alemã, reorganizou-se e contribuiu em grande parte para a vitória das nações aliadas.*

Eram 7h00min da manhã quando Zhukov levantou-se e deu sinal de partida. Fazia um belo dia. O sol da liberdade brilhava sobre a Europa finalmente em paz.

O fim da guerra foi assinado e reassinado, a 7 de maio de 1945, às 2h41min, em Reims, e a 9 de maio de 1945, aos 00h15min, em Berlim.

Nesse mundo de hipocrisia e incerteza, todos, afinal, aceitaram consagrar 8 de maio como o Dia da Vitória na Segunda Guerra Mundial ou o *V-E Day (Victory in Europe)*, para distinguir do *V-J Day* (vitória sobre o Japão), a 15 de agosto de 1945. Dizem ter sido uma solução diplomática aventada por Churchill, face às divergências entre os aliados e os russos, por terem cessado, nessa data, as hostilidades no teatro de operações europeu.

O estado de beligerância entre a Alemanha e as nações aliadas, porém, persistiria durante muitos anos, até recentemente, quando o Governo alemão o deu por encerrado, uma vez que os políticos germânicos não reconheciam os atos firmados pelos militares em Reims e Berlim. 